

**Elisabeth Souza Lobo,
1943-1991**

Helena Hirata

Elisabeth de Souza Lobo Garcia ou Elisabeth Souza Lobo, como assinava seus textos, nasceu em 30.08.1943 no Rio Grande do Sul. Era casada com Marco Aurélio Garcia, professor de História da UNICAMP. Sua intensa atividade profissional se desenrolou desde 1982 no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde coordenou o Programa de Pós-Graduação. Desde 1989, também atuava no Departamento de História da UNICAMP como Professora Visitante, onde integrava o Programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho e na constituição de um núcleo de estudos das relações de gênero. Suas pesquisas em Sociologia do Trabalho, Relações de Gênero e Movimentos Sociais Urbanos renovaram decisivamente o debate no interior das Ciências Sociais brasileiras, principalmente pela leitura do universo da produção a partir das relações de gênero. O enriquecimento decisivo dessa reflexão, pela abordagem teórica da questão da diferença e da igualdade, deveria constituir sua tese de livre-docência. Essa reflexão fica inacabada. Elisabeth Souza Lobo faleceu perto de João Pessoa, em 15.03.1991, de um acidente de carro onde também perdeu a vida a líder sindicalista rural de Alagoa Grande, Maria da Penha Nascimento Silva, que figurava nas listas de "marcados para morrer" divulgadas pela Comissão Pastoral da Terra.

Na Paraíba, Beth foi dar um ciclo de palestras no Mestrado de Ciências Sociais da UFPb e em Campina Grande. Beth também foi para entrevistar militantes sindicais rurais, para dar continuidade à sua pesquisa sobre a memória das mulheres trabalhadoras, iniciada em São Bernardo, São Paulo; mas não chegou a concluir seu programa de entrevistas, que deveria continuar no dia da sua morte.

A última palestra de Elisabeth Souza Lobo, na UFPb, se intitulava "A classe trabalhadora no Brasil: experiência, estrutura e gênero", título que contém as principais categorias com que trabalhava, algumas já presentes em sua tese de doutoramento defendida em 1979 na Universidade de Paris VIII sobre "Crise de dominação e ditadura militar no Brasil", outras refletindo preocupações teóricas posteriores, como o conceito de experiência ou de gênero, com o qual propôs uma nova leitura da categoria trabalho.

Ela mesma resumia suas preocupações atuais, marcadas pela complexidade dos ângulos de ataque e dos campos temáticos, de maneira exemplar:

"fazer uma reconstrução de temas clássicos e novos nos estudos sobre classes trabalhadoras e localizar esta releitura na produção brasileira sobre trabalhadores e trabalhadoras, movimento e lutas operárias na década de 80 em S. Paulo.

O fio condutor desta reflexão é a construção da problemática operária, suas configurações e metamorfoses, a emergência de questões que interpelam a *história operária e em particular sua história recente*. O argumento de que se produz uma *experiência* particular de trabalhadores e trabalhadoras em S. Paulo, a partir da década de 70 remete à necessidade de refazer o percurso das problemáticas que balizaram a análise das *práticas e representações*, das continuidades e rupturas do período, dos discursos e personagens através dos quais se construiu o *objeto movimento operário*.¹

Sua longa trajetória teórica, seu percurso crítico, se ancoraram nas suas leituras numerosas, no seu grande domínio sobre a extensa produção internacional e nacional sobre classe operária, processos de trabalho, movimento operário e movimento sindical, cultura e identidade operária, divisão sexual do trabalho e relações de gênero. Mas talvez sua trajetória teórica e seu percurso crítico se ancoravam, mais ainda, nas suas múltiplas experiências, entre elas:

- de formação e atuação profissional, de teor interdisciplinar, em Letras, Sociologia da Literatura, Sociologia do Trabalho e, finalmente, História.
- de militância política — participação no Maio de 68 francês, resistência à ditadura militar no Brasil, participação na experiência chilena, o exílio transformado na França em trabalho, em emprego universitário e atividade política e, em seguida, participação na construção do Partido dos Trabalhadores no Brasil, lutando para a incorporação, desde o início, da dimensão feminista nas suas plataformas e programas.
- de participação no movimento autônomo de mulheres na França e no Brasil, posicionando-se, a cada momento, nos textos e na prática, por um feminismo de classe.
- a longa experiência da maternidade: teve seu filho Leon aos 28 anos, no Chile.

A não-hierarquização foi um princípio privilegiado por Beth: não-hierarquização dessas diferentes experiências, não-hierarquização dos objetivos estratégicos, negação das “etapas”, do “principal” e do “secundário”, do “antes” e do “depois”.

Isso talvez explique uma outra vertente da produção literária de Elisabeth Souza Lobo, que nos dá uma (não a única) chave

da sua personalidade e da sua maneira de tratar o objeto sociológico: a de biógrafa de Emma Goldman.

Elisabeth Souza Lobo foi dela excelente biógrafa duas vezes: a Emma de “A vida como revolução” de 1983,² a Emma revisitada de “Revolução e Desencanto: do público ao privado”, de fins de 1989.³ Leio um texto escrito por seu amigo Michael Lowy durante o ato em sua homenagem no CNRS em Paris:

“Elisabeth era fascinada por Emma. Escrevendo sobre a vida e o pensamento da anarquista/feminista judia, ela queria mostrar a atualidade de uma mensagem herética, que nada tinha perdido da sua insolência e quase um século de distância. Mas existia também entre Elisabeth e Emma uma espécie de afinidade íntima: ambas sonharam com um mundo sem opressão de classe ou de gênero, ambas se engajaram ativamente para realizar sua utopia; ambas recusavam os modelos autoritários do pretensão socialismo real; ambas tinham conhecido o exílio e as perseguições policiais, os anos difíceis de isolamento e de combate contra a corrente. Enfim, ambas tinham um espírito iconoclasta, não temendo enfrentar tabus e proibições.”

Cito a própria Beth:

“Em Emma Goldman, no princípio, estava um desejo de justiça, de amor e liberdade. Foi esse desejo que ela viveu e serviu, sempre recusando-se a submetê-lo a regras de eficácia ou de lógica. (...)

Por isso lutou pela felicidade, pela igualdade social, pelo direito à liberdade, pela beleza das flores e cores, pelo prazer e pelo amor, sem estabelecer hierarquias.

Imagino que isso significa ser radical. Recusar etapas, objetivos ambíguos, meias palavras. Recusar a servidão sob qualquer de suas formas.

Porque era uma radical, não existe em Emma oposição entre vida e obra. Ambas se confundem, coincidem: o engajamento nas lutas sociais e os sonhos de felicidade (...).”

Talvez a categoria trabalho, unificadora do conjunto de suas preocupações, se prestasse melhor que outras a essa não-hierarquização entre teoria e ação, entre as múl-

tiplas dimensões da sociabilidade. Introduzindo o conceito de gênero no trabalho, acabou por subvertê-lo, transformá-lo, descentrá-lo. Desde "A prática invisível das operárias" de 1982⁴ até "O trabalho como linguagem: o gênero do trabalho", apresentado na última ANPOCS, em fins de 1990, e apresentado neste número do BIB ela demonstrou como, a questão "O trabalho: categoria-chave da Sociologia?", não se pode reagir por um sim/não. O modo de vida, o "privado", o pessoal, preenchem o espaço considerado "público", profissional, fabril. O "dia-a-dia das representações" dá sentido à prática de trabalho profissional e doméstico de homens e mulheres. O lugar do trabalho na construção da identidade, no acesso das mulheres à cidadania era constantemente por Beth simultaneamente relativizado e reafirmado — nuances que seus colegas sociólogos(as) nem sempre conseguiram, nem sempre conseguimos introduzir...

Elisabeth sabia — e queria nos fazer partilhar integralmente este saber — que "a vivência do trabalho" é fundamentalmente contraditória, sendo uma vivência sexuada, implicando a realização de tarefas — e projetos — distintos e heterogêneos.⁵

Restituir essa diversidade, teorizá-la, não foi nem é tarefa fácil: as novas tecnologias, a saúde, a estrutura sindical, a festa,

o simbólico, tudo era matéria ao mesmo tempo heteródita e necessária para pensar o trabalho e suas metamorfoses. Consciente da necessidade de um espaço de debate interdisciplinar sobre todos esses temas convergindo para um maior conhecimento da categoria trabalho, ela dedicou muito do seu tempo — furtado à sua militância plural — feminista, sindical, política — e à sua elaboração teórica individual, para levar em frente esse trabalho e nem sempre gratificante de estruturação dessa área temática no Brasil, via esses seminários sobre "processos de trabalho e políticas de gestão" realizados com sua coordenação sempre ativa na Universidade São Paulo de 1988 a 1991: ela se foi no meio da preparação do último seminário, realizado em 11-12.4.91, um mês após sua morte, sobre "Modelos de organização industrial, política industrial e trabalho".

De Elisabeth Souza Lobo, de sua extraordinária personalidade plural sabemos que é possível reconquistar, a cada lembrança, a cada carta, a cada texto lido ou relido, o exemplo de sua ousadia cotidiana, a extraordinária vitalidade do seu modo de pensar.

(Recebido para publicação em 1991)

Notas

1. "Trabalho, dominação e resistência", Programa de Pós-Graduação, DS/FFLCH/USP, 1.º semestre 1991.
2. "Emma Goldman — A vida como Revolução", São Paulo, Brasiliense, 1983.
3. "Emma Goldman — Revolução e Desencanto: do Público ao Privado". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n.º 18, ago./set. 89, pp. 29-41.
4. Artigo em colaboração com J. Humphrez, L. Gitahy, R. Moysés, publicado em francês em 1984 in "Le sexe du Travail", Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble e em português em 1987 in "O Sexo do Trabalho", RJ, Ed. Paz e Terra.
5. Cf. "Trabalhadoras Trabalhadores" o dia-a-dia das representações, "Anais Padrões Tecnológicos e Políticas de Gestão. Comparações Internacionais", USP-UNICAMP, maio-agosto 89, CODAC-USP, 1990, pp. 275-294.